



A Mídia Ocidental e os povos Árabes – uma relação de preconceito e generalizações¹

João Victor GUEDES²

Luciene DIAS³

Rômulo SOUSA⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Os povos de origem árabe estão sendo manchetes nos variados veículos de comunicação do Ocidente. O uso da violência por parte de um grupo denominado de fundamentalistas religiosos expõe a mídia ocidental como manipuladora e preconceituosa. Um árabe é muito mais que um homem-bomba, é um cidadão querendo mostrar que o islâmico também faz parte da esfera mundial.

PALAVRAS-CHAVE: árabes, Islã, mídia, Ocidente, terrorismo

INTRODUÇÃO: Para aquele que se aventura a investigar a relação mídia ocidental-povo árabe, o desafio não é pequeno. O tema é atual e delicado, envolve muito sangue, angústia e temores. Narrativas nacionalistas e unilaterais deturpam os fatos e disputam a imaginação da opinião pública mundial.

Por isso, mais do que narrar, é preciso permitir que cada qual construa sua própria visão, consciente e lúcida, dos acontecimentos. Através das informações aqui apresentadas, esperamos contribuir um pouco para isso, fornecendo alguns dados históricos e abrindo algumas fendas por onde o leitor poderá navegar, com os recursos hoje à sua disposição

Os acontecimentos recentes nos países árabes colocaram mais uma vez as nações islâmicas nos principais veículos de comunicação do mundo. É comum assistir, ou ler, reportagens relacionadas à guerra árabe-israelenses, homens-bombas, terrorismo. A

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFG, email joavictor_guedes@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora de Jornalismo da UFG, email lucienediasj@hotmail.com

⁴ Professor de Língua Portuguesa e Antropólogo. Auxiliou no trabalho



comunidade árabe é frequentemente exposta nos noticiários ocidentais como uma nação submissa aos valores e poderes masculinos, à tamanha violência, ao fundamentalismo religioso e a luta por um estado reconhecido mundialmente.

É essencial para a compreensão dos fatos que norteiam os árabes a consciência e o entendimento da origem desses povos. Das peregrinações dos beduínos ao longo do século VII depois d.C à formação do Islã, tendo como consequência a expansão da religião e dos próprios árabes para o Oriente Próximo, norte da África e pequenas ilhas asiáticas. A divisão do islã entre Xiitas e Sunitas, peça chave na compreensão de terrorismo e sacrifícios praticados por eles.

A cobertura das redes de notícias ocidentais nas Guerras do Oriente Médio nos mostram o quão é importante o poder da imagem. Os anos 90 foram marcados por invasões norte-americanas a países árabes, sendo assim assunto nos mais variados meios de comunicação. Nessas situações percebe-se como é mostrado determinados fatos pelas lentes das câmeras. O ao vivo na guerra se transformou nos olhos do Ocidente, olhos fechados e apagados pela transmissão não muito fiel dos fatos.

O ano de 2001 é a marca profunda na história dos Estados Unidos. Os atentados terrorista às Torres Gêmeas, em Nova York, contribuíram, de vez, com a má impressão dos árabes no Ocidente. A opressão, censura, e a caça frenética a conteúdos árabes expôs a ferida norte-americana. “Mexer nas coisas dos outros é possível, contudo, não venham tocar no que é nosso”⁵

Os árabes continuam sendo manchetes de jornais. Os recentes protestos contra ditadores que, em suma, foram verdadeiros aliados do Ocidente, demonstram que eles não estão aquém do “passado”. A democracia com chances de alcançar os desertos que no passado foram palcos de peregrinações em busca de água e comida e que hoje são verdadeiros cenários de riqueza e prosperidade através do ouro negro escondido por baixo de areias milenares.

O poder da história

⁵ Frase de autoria do próprio autor do artigo



De acordo com os estudos e definições da história, os primeiros árabes foram os povos que nasceram na península arábica. Também conhecida como Arábia, essa região é rodeada pelo mar Vermelho e pelos Golfos de Omã e Pérsico. A península é formada pelos Emirados Árabes, Catar, Arábia Saudita, Omã, Bahrein e Iêmen.

Com o surgimento do Islamismo na região no século VII d.C, a cultura local se espalhou para o norte da África, Oriente Médio e para ilhas asiáticas. Devido à expansão, o árabe se tornou o idioma oficial em 22 países. A língua é falada por cerca de 360 milhões de pessoas.

As designações de “árabe” e “islâmico” são distintas. Ser árabe refere-se a uma etnia e cultura. Árabe é a aquele que fala a língua o idioma de mesmo nome e vive em um dos 22 países árabes existentes. Noventa por cento dos árabes são islâmicos, mas na realidade podem professar qualquer religião ou mesmo ser ateus.

Os árabes estão diretamente ligados ao Islã. O antropólogo Clifford Geertz, em seu livro *Observando o Islã*⁶, explica muito bem essa relação. Segundo ele, “a religião pode ser uma pedra lançada na terra; mas deve ser uma pedra palpável, e alguém deve lançá-la⁷.” Um árabe “lançou” o Islamismo no mundo.

O Islamismo, ou Islã, cujos seguidores são conhecidos como muçulmanos, é uma religião monoteísta baseada nos ensinamentos de um árabe, Mohamed (570-632), chamado no Ocidente de Maomé. Seu livro sagrado é o Alcorão (do árabe *qur’ân*, leitura) cujos principais ensinamentos são a onipotência de Alá (Deus) e a necessidade de bondade, generosidade e justiça entre as pessoas.

Os muçulmanos têm cinco obrigações a cumprir: professar que Alá é o Deus único e que Mohamed é seu profeta; orar cinco vezes ao dia voltado para a cidade saudita de Meca; prestar caridade; jejuar no Ramadã (nono mês do calendário muçulmano); e peregrinar à cidade sagrada de Meca ao menos uma vez na vida.

⁶ GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2004

⁷ GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2004 p. 17



Os muçulmanos dividem-se em duas grandes vertentes: os Sunitas – cerca de 85% da população islâmica – que aceitam como guias qualquer muçulmano proeminente, e os Xiitas – cerca de 15% - que creem que apenas os descendentes diretos do profeta podem ocupar a posição de califas ou imãs (autoridades máximas na política e na religião islâmica).

A ocupação, no passado, das áreas onde hoje é tomada pelas forças de Maomé tem referência direta com a relação árabes-ocidentais. Napoleão Bonaparte iniciou o processo no século XIX com a tomada do Egito no processo de expansão dos territórios franceses. O Reino Unido pegou carona, seguido de Portugal, Itália e das demais nações européias que pregavam a “ fiel colonização para o bem da população local”⁸

É importante lembrar que os árabes e os islâmicos em geral foram, e são, alvos dos olhos críticos e distorcidos dos ocidentais. Desde o período da expansão marítima, eles são os “exóticos”, os “diferentes”, os “misteriosos”. A colonização europeia transformou nações principalmente na África e nas Américas do Sul e Central. Apagou valores, derrubou culturas, matou representantes e catequizou religiões. O europeísmo foi imposto nas terras conquistadas e, com o tempo, assimilado como exemplo de civilidade.

Talvez os árabes e os islâmicos tenham sido um dos poucos povos que fogem dessa teoria. A Ásia foi terras exploradas e devastadas por causa das especiarias, sedas, rotas marítimas, pólvora, papel. Contudo, os islâmicos não trocaram Maomé por Jesus Cristo, não trocaram o Alcorão pela Bíblia. Continuaram de acordo com os seus próprios conceitos de civilidade; com os seus próprios conceitos culturais.

A partir daí, o “Misterioso Oriente” foi tomado por estereótipos que moldam as características e tradições em imagens e fatos que, pela distância, são distorcidas ou até mesmo criadas. O mundo eletrônico pós-moderno elabora um reforço das generalizações pelas quais os árabes são vistos. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados.

⁸ Frase de autoria do próprio autor do artigo



O filme *Guerra ao Terror*, lançado em 2009 da diretora norte-americana Kathrin Bigelow nos traz uma reflexão sobre a invasão estadunidense ao Iraque, em 2003. A produção gira em torno de três soldados especialistas em desarmamento de bombas. Embora o filme tenha o lado dramático bastante acentuado, a produção não convence. Não convence porque os protagonistas são os desbravadores, os heróis, os conquistadores do Oriente Médio. Os iraquianos foram tratados como meros submissos aos poderes norte-americanos. A generalização do homem- bomba árabe é altamente presente em meio aos sentimentos de dó e piedade dos personagens centrais.

Segundo o escritor Edward Said, as sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais.⁹

São conceitos que devem ser aplicados e analisados em casos que merecem um estudo muito mais amplo do que uma simples constatação dos fatos. Elementos históricos e culturais que atravessam gerações milenares são desorientados por conceitos Ocidentais e atuais de direitos humanos.

O valor, a eficácia e a aparente veracidade de uma afirmação escrita sobre os árabes baseiam-se muito pouco no próprio Oriente. Edward Said explica em seu livro *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente* que três coisas contribuíram para transformar até a mais simples percepção dos árabes e do islã numa questão altamente politizada, quase estridente:¹⁰

1 – a história contra o preconceito popular contra os árabes e o islã no Ocidente, que se reflete diretamente na história do Orientalismo.

2 – a luta entre os árabes e o sionismo israelense, e os seus efeitos sobre os judeus americanos, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral

⁹ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁰ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P 113



3 - a quase total ausência de qualquer posição cultural que possibilite a identificação com os árabes e o islã ou uma discussão imparcial a seu respeito.

Os terríveis conflitos que agrupam as pessoas sobre conceitos falsamente unificadores como “América”, “Ocidente” ou “Islã”, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferente uns dos outros, não podem continuar tendo a força que têm e devem ser combatidos.

Esses agrupamentos favorecem as generalizações e ao aumento do preconceito. A mídia aproveita dessa situação para vender assuntos e sensacionalizar temas sérios que merecem estudos amplos e históricos. O olhar Ocidental a tudo aquilo que não é do Oeste contaminou a área que deve ser correta e interpretativa. A comunicação, quando se fala em árabes e ocidente, se transformou em produto de interesses e inverdades.

Os árabes palestinos

Antes da criação do Estado de Israel, em 1948, havia árabes- judeus vivendo em todo o Oriente Médio e norte da África. Chegavam a constituir 5% da população da Palestina. Falavam a língua árabe, tinham uma cultura árabe mesclada às tradições judaicas próprias, e conviviam pacificamente com os árabes islâmicos e cristãos do Islã.

O Irã é o país onde possui a maior comunidade judaica do Oriente Médio. São judeus que vivem na região há dezenas de gerações. A convivência milenar se evidencia no templo de Sara Khatoon, na província de Isfahan, compartilhado por judeus e muçulmanos. O povo iraniano não é árabe, e sim persa.

Dois esclarecimentos são de extrema importância: primeiro, o povo palestino é árabe. Mas cada país árabe é diferente do outro. Palestinos não são sírios, nem poderiam ser libaneses, egípcios ou mesmo jordanianos, quanto mais sauditas, tunisianos, ou marroquinos. Segundo, ser judeu nem sempre equivale a ser israelense¹¹. Tradicionalmente falando, o judaísmo refere-se a uma religião, cultura e comunidade. Existem mais judeus vivendo fora do que dentro de Israel.

¹¹ Esclarecimentos segundo a Doutora em estudos árabes da USP Arlene Chinaglia



Assim como enumerou o professor e escritor palestino Edward. W Said, um dos pontos que ajudaram a construir a imagem do árabe para o ocidente é a difícil relação entre eles e os judeus, principalmente os da região da Palestina. O movimento sionista e a criação do estado de Israel caracterizaram o árabe como o “inimigo” dos antigos hebreus.

A luta por um Estado faz com que os árabes sejam freqüentemente manchetes por aqui. Homens-bomba, fundamentalistas religiosos, atentados terroristas contra Israel demonstram a tensa situação que se encontra a região. De acordo com estudos internacionais, Israel figura entre as cinco localidades mais perigosas do mundo.

De um lado, modernas armas judaicas, bombas, caças e dinheiro para investir nas guerras. Construção de moradias israelenses na Faixa de Gaza e na Cisjordânia elevam a tensão na região. Do outro lado, armas oriundas de grupos fundamentalistas como o Hezbollah, Fatah, Al Qaeda e Hamas ajudam o povo palestino a revidar ou, em muitos casos, a começar os ataques.

É nesse conflito de interesses que entram fatores políticos, religiosos e econômicos que a mídia ocidental se faz presente. O lado palestino é, muitas vezes, esquecido e distorcido. Os árabes palestinos são sempre os “inimigos de Israel”, os “terroristas”, os homens-bomba”.

Em 1975, o então líder palestino Yasser Arafat comentou com um repórter da National Geographic¹²:

“Nosso problema não são os judeus. Eles vivem junto conosco há séculos. Nossos inimigos são os nossos colonos sionistas e seus defensores, pois insistem que a Palestina pertence apenas a eles. Nós, árabes, também temos raízes profundas nessa região.”

Há duas décadas, os palestinos estão amontoados em campos de refugiados na Faixa de Gaza e na Cisjordânia relegados a um forte abandono sendo fortemente vigiados por Israel. Em *Palestina: uma nação ocupada*,¹³ os desenhos de Joe Sacco ilustram a vida de jovens palestinos tendo que, a cada dia, amanhecerem com rifles apontados sobre

¹² DON, Belt. National Geographic Brasil – O mundo do Islã. Abril, 2001, p. 171

¹³ SACCO. Joe. Palestina: uma nação ocupada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000



suas cabeças. Isso não vira manchete de jornais por aqui, nem especial do Globo Repórter.

A própria palavra “palestino” passou a ser associada ao terrorismo. A Jordânia travou uma guerra para contê-los. A desintegração do Líbano foi provocada, em parte, pela presença de milhares de refugiados.

Notícia por aqui foi a chamada Intifada, nome dado a um dos inúmeros conflitos entre judeus e palestinos. Estes queriam barrar o avanço dos judeus. Para isso usavam pedras, o grito, ataques e para muitos a própria vida. Em 1992, um jovem palestino deu uma entrevista ao repórter Tad Szulc da National Geographic.¹⁴

O garoto diz que ali na região ele não terá futuro. Não pode ir a nenhuma universidade e que seus estudos estão cada vez mais prejudicados por causa da situação das escolas e das greves. Na entrevista, o jovem de 16 anos afirmou que não sentia medo de tacar pedras nos soldados israelenses, pois assim os governantes teriam motivos para discutirem a paz. “A Intifada é a nossa única esperança”, afirma.

O tratamento dado aos presos palestinos também não foram notícias por aqui nos jornais na época da Intifada. A Organização de direitos humanos da ONU concluiu que o tratamento dado pelo exército israelense aos presos palestinos vai altamente contra os direitos humanos. Um relatório descreve que os detentos são espancados e submetidos ao isolamento: são privados de comida, sono e vaso sanitário; são obrigados a ficar de pé, confinados em um espaço pequeno e estreito.

O poder da imagem

A mídia televisionada tem um importante papel na construção da figura do árabe para os ocidentais. Um dos momentos que é possível perceber essa relação são nas guerras travadas entre os EUA e os árabes. Há muito tempo o ditado popular “uma imagem vale mais do que mil palavras” não recai bem sobre os acontecimentos que rodearam, principalmente, as guerras no Golfo Pérsico.

Em *Palestina: uma nação ocupada*, Joe Saco afirma que há tempos se sabe que a notícia propriamente dita se transformou em um simples produto mercadológico. A

¹⁴ DON, Belt. National Geographic Brasil – O mundo do Islã. Abril, 2001, p. 229



pressa em se noticiar em primeira mão e a rápida aceitação do público e do patrocinador transformam os acontecimentos em atrativos publicitários, em cenas sensacionalistas que atraem o telespectador não pela informação, mas pela emoção.

O culto à imagem favoreceu as grandes mídias televisivas. Infelizmente, o jornalismo de TV está cada vez mais comprometido com conceitos inseguros e pouco palpáveis. A televisão misturou os gêneros. Hoje, é quase impossível classificar rigorosamente um programa como “jornalístico”, de “entretenimento” ou “comercial”, já que um incorpora as técnicas dos outros.¹⁵ Por isso, saber o que é ou não “notícia” e o tratamento jornalístico que o fato receberá vai depender de uma série de fatores e interesses. Hoje, na maioria dos casos, “notícia” é qualquer evento que tenha boa aceitação no mercado, que conquiste o telespectador pela imagem, pelo “real”, pela representação do acontecimento.

Ter apenas um texto informativo já não basta. O choque está na imagem. O fascínio está no sangue que sai da vítima estirada no chão. Está no carro capotado, na mulher muçulmana com véu, no árabe rodeado por bombas pelo corpo. O texto tem se tornado cada vez mais um acessório do potencial imagético essencial na notícia.

E a gigante CNN que o diga. O canal norte-americano é, hoje, um dos principais de notícias do mundo. Foi o primeiro canal a transmitir informação em sua grade de programação 24 horas por dia, tornando-se o canal a cabo mais visto pelos estadunidenses.

De janeiro a fevereiro de 1991, a CNN foi umas das emissoras que cobriram a Guerra do Golfo. Quem viu a guerra pela televisão, a partir das imagens da CNN, constatou que não houve uma carnificina, tragédias e mortes, típicos em guerras. Foi um conflito “limpo”. Durante os 40 dias de guerra, os Estados Unidos lançaram mais de 88 mil toneladas de bombas em Bagdá, capital do Iraque, sem matar absolutamente ninguém¹⁶. José Arbex, no prefácio de *Palestina: uma nação ocupada* caracteriza ironicamente a situação como “um milagre da tecnologia”.

¹⁵ SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000, p.8

¹⁶ VASCONCELOS, João Emerson Leite Vieira. *Al Jazeera: como rompeu o monopólio das grandes redes e se tornou referência no Oriente Médio*. Goiânia, 2009



Hoje, sabe-se que, pelo menos, 100 mil pessoas morreram em Bagdá, incluindo crianças, mulheres e idosos. O que merece destaque não é o assustador número de vítimas, e sim a incrível fragilidade de bilhões de espectadores na época de acreditar nos Estados Unidos. O então presidente George W. Bush terminou a guerra com 90% de apoio da opinião pública americana exorcizando, assim, a catástrofe que foi a Guerra do Vietnã.

Ainda no campo da força da imagem, as mulheres árabes islâmicas nos mostram a tamanha diferença que é ser mulher no mundo árabe. A Burca e o Niqab, trajes típicos islâmicos que deixam apenas os olhos de fora, são responsáveis pela imagem que temos da figura feminina. Do mesmo modo que os versículos da Bíblia podem ser retirados do contexto e usados por fanáticos cristãos, também o Alcorão está sujeito a deturpação.

No Alcorão há um versículo que aconselha as mulheres a se vestirem e a se comportarem com recato. Essa passagem é, em geral, entendida como um bom conselho prático. É por causa dela que vemos as mulheres islâmicas com véus na cabeça e mantos pelo corpo. Contudo, outra interpretação fornece aos mais radicais uma outra interpretação, que tem como justificativa a prisão de mulheres em casa e o uso de trajes como a Burca e o Niqab.

Esses fundamentalistas religiosos estão, geralmente, em governos Xiitas, como Irã, Iraque e Afeganistão. Para mostrar a “realidade” da mulher islâmica, a Revista amazonense Horizonte Geográfico foi até o Paquistão para uma reportagem intitulada O Islã e as Mulheres¹⁷. Nela, o repórter foi até um campo de refugiadas na cidade paquistanesa de Peshawar, lugar que recebe mulheres oriundas do Afeganistão, país governado pelo grupo fundamentalista islâmico Taleban.

Por causa da forte tradição do Taleban, as mulheres que fugiram para o Paquistão ainda usam a burca. As fotos representam o medo das mulheres em se exporem, mesmo estando longe do governo repressor. Mas, mesmo ali, revolucionárias afegãs lutam para obterem seus espaços no mundo islâmico. É o caso da jovem Mareena, de 20 anos, membro da Rawa (Associação Revolucionária das Mulheres do Paquistão)

¹⁷ Horizonte Geográfico – a emoção de descobrir o mundo. São Paulo, AUDICROMO, 2001



Mesmo sendo um importante movimento pela igualdade das mulheres em governos repressores, o assunto foi pouco abordado. Apenas um parágrafo foi destinado à associação e explicação de Mareena¹⁸.

“Nosso objetivo é conscientizar as pessoas para que elas alertem os governantes, pois são eles que formam a ONU. Os Estados Unidos têm de fazer alguma coisa uma vez que foram eles que financiaram o Taliban contra os russos. O cientista criou o monstro e agora não sabe como destruí-lo”

As dez páginas da reportagem são destinadas às fotos, explicação do mundo islâmico e a histórias de mulheres que sofreram torturas e que vivem na pobreza. O relato do repórter de como foi a viagem é mais destacada do que o verdadeiro assunto que deveria ser abordado quanto ao título da matéria.

Quando a mídia insiste no passado e na divulgação de imagens que representam apenas uma parcela das mulheres islâmicas, a generalização é eminente. Contudo, quando a figura árabe feminina demonstra uma evolução, uma diferenciação da imagem da mulher de véu submissa, a mídia ocidental também padece no erro.

No programa Manhattan Connection do canal a cabo brasileiro Globo News veiculado no dia 03 de abril de 2011¹⁹, o jornalista Caio Blinder chamou as rainhas dos ditadores de países árabes de “piranhas”. O fato causou uma crise diplomática entre o governo brasileiro e a Jordânia, uma vez que o jornalista estava falando da bela rainha Rania, esposa do ditador Abdulla.

Caio Blinder mostrou fotos da rainha, conhecida como uma das mais belas e mais bem vestidas rainhas de ditadores árabes. Rania anda sem véu, com roupas de grifes europeias e faz trabalhos contra crimes à humanidade. A mulher, assim como outras rainhas árabes, tem um estilo ocidental e moderno.

Percebe-se que de um jeito ou de outro a mulher árabe é o centro do sensacionalismo ocidental. Indo de acordo com as tradições ou não, o foco está na figura da mulher em si. Em meio de diferentes visões, é importante destacar um bom trabalho jornalístico.

¹⁸ Horizonte Geográfico – a emoção de descobrir o mundo. São Paulo, AUDICROMO, 2001, p. 39

¹⁹ Disponível em WWW.g1.com.br/globonews



Em 2001, a revista National Geographic Brasil lançou uma edição especial com uma série de textos sobre o mundo muçulmano. A edição especial intitulada de O Mundo do Islã, reuniu um acervo de textos produzidos de 1910 a 2001.²⁰

Em reportagem produzida em 1987 por Marianne Alireza, as mulheres entrevistadas disseram que as restrições acabaram na Arábia Saudita. Hoje as mulheres vestem todos os tipos inimagináveis de roupas, pois tudo pode ser encontrado no país. Mulheres vão para a academia para fazer os mesmos exercícios comuns em todo o mundo.

Sementes da discórdia

No dia 11 de setembro de 2001, as redes de televisão da maioria dos países do mundo mostraram, ao vivo, um fato que viria a mudar a história contemporânea mundial e a contribuir, de vez, com a má impressão que se tem dos árabes.

Neste dia, 19 seqüestradores suicidas tomaram quatro aviões comerciais nos EUA e realizaram o maior atentado terrorista da história. Duas aeronaves colidiram contra as torres gêmeas do World Trade Center, os prédios mais altos de Nova York, que desabaram. Um terceiro avião caiu sobre o Pentágono, quartel-general do Departamento de Defesa dos EUA, em Washington. A quarta aeronave caiu em um campo perto de Pittsburg.

Os ataques deixaram cerca de três mil mortos e 90 bilhões de dólares de prejuízo. O responsável pelo ataque, o milionário e terrorista saudita Osama bin Laden, se tornou o homem mais procurado do mundo. No dia do ataque, o jornalista brasileiro Carlos Nascimento cobria o fato ao vivo, direto da bancada do Jornal Hoje, noticiário da hora do almoço da TV Globo²¹. No momento do choque do segundo avião, Nascimento acreditava ser um replay do primeiro atentado. Contudo, momentos depois, o jornalista soube que se tratava de um novo ataque.

As imagens vinham da CNN e causaram uma comoção mundial. Uma onda de professores, analistas e especialistas ficaram, por anos, explicando quem eram os árabes

²⁰ DON, Belt. National Geographic Brasil – O mundo do Islã. Abril, 2001.

²¹ Disponível em www.youtube.com.br



e porque fizeram aquilo. Documentários, filmes, reportagens tentaram, e tentam, desvendar o terrorismo por trás do Islã.

Muitos muçulmanos, sobretudo em países árabes, estão furiosos com os Estados Unidos por seu apoio a Israel, por sua contínua presença militar na Arábia Saudita, terra de seus lugares mais sagrados²², e por suas ações contra o Iraque. Além disso, as sociedades islâmicas têm uma antiga relação de amor e ódio com a cultura popular americana, e agora esses sentimentos intensos podem estar mais próximos da repulsa do que do respeito.

Os atentados terroristas são praticados apenas pelos fundamentalistas religiosos de governos Xiitas. Passagens do Alcorão recomendando a *jihad*, “esforço”, contra os inimigos de Alá são lidas como uma referência à luta íntima de cada indivíduo pela pureza e iluminação do espírito. Já outros preferem enfatizar o combate armado de Maomé contra seus inimigos, dando aos radicais da atualidade um pretexto para travar guerras santas contra os infiéis.

A mídia Ocidental, muitas vezes, caracteriza o árabe como “o terrorista”. O atentado às Torres Gêmeas formulou uma generalização maciça do fundamentalista islâmico. Omar bin Laden, filho do temido Osama bin Laden, concedeu uma entrevista a um repórter português no início deste ano.

A reportagem foi transmitida pela Globo News através do programa Globo News Documento do dia 02 de abril de 2011²³. Omar bin Laden não vê o pai há 10 anos. Vive no Catar e é contra as atitudes do pai. Ele disse isso ao repórter, contudo a entrevista teve um estilo que o jornalismo caracteriza como entrevista de confronto.

O repórter questionava a todo o momento a opinião dele sobre os atentados. Perguntava, maciçamente, onde está Osama Bin Laden e, carregado de emoção, perguntava o que o filho sentia com tudo aquilo. Incomodado com a situação, Omar encerrou a entrevista desejando paz a todos.

²² Segundo a tradição islâmica, as cidades de Meca e Medina são um dos lugares mais sagrados para a religião Muçulmana. Meca é a cidade em que o profeta Maomé nasceu e está enterrado. Medina foi a cidade de desenvolvimento do Islã

²³ Disponível em www.g1.com.br/globonews



Por mais que Omar bin Laden se esquivava das perguntas, era nítido o tom ameaçador do repórter. Os interesses norte-americanos foram colocados em questão, esquecendo completamente a visão árabe. É assim que tem sido na maioria das produções jornalísticas que circundam o fato. Um fato, uma versão: a americana.

Os atentados de 11 de Setembro de 2001 aos Estados Unidos têm lotado livrarias norte-americanas de impressos de má qualidade ostentando manchetes alarmistas sobre o Islã e o terror, o Islã dissecado, a ameaça árabe e a ameaça muçulmana. Toda essa sabedoria armada é acompanhada por redes internacionais de notícias mundo afora, juntamente com emissoras de rádio evangélicas e direitistas, além de incontáveis tablóides e até jornais de porte médio, todos reciclando as mesmas fábulas inverificáveis e as mesmas vastas generalizações com o propósito de sacudir a “América” contra o diabo estrangeiro.

Os árabes hoje

Nos últimos meses os árabes têm sido manchetes devido aos protestos contra ditadores em nações muçulmanas. A onda das manifestações se iniciou na Tunísia, em dezembro de 2010, depois da auto-imolação de um rapaz. Indignados com a tamanha repressão do governo, os tunisianos foram às ruas exigindo a saída do ditador Zine Ben Ali.

Tomados pelo efeito dominó, Egito, Jordânia, Iêmen, Síria e demais nações muçulmanas do norte da África e do Oriente Médio também foram protestar contra seus respectivos governos. O resultado foram longas coberturas nas mídias Ocidentais ao tratamento dado aos manifestantes e a história por trás da realidade desses países.

Os eventos levaram às TVs especialistas, antropólogos, historiadores e jornalistas na tentativa de explicar a situação que, aos poucos, foi ganhando proporções internacionais. Os árabes submissos aos poderes de governos religiosos foram sendo transformados nos poderosos civis que têm voz.

A verdade é que a mídia os tratou como “os capazes” Se um conseguiu, os outros também irão de conseguir. Com o uso da internet para a organização dos protestos, os árabes passaram a ser os conectados e a iniciar o processo da modernidade. Os camelos estão sendo trocados pelo computador, um meio que socializa diversas informações.



Em meio a todos esses acontecimentos graves está o velho interesse em jogo. De olho na onda de protestos, o ocidente presta bem atenção se as manifestações poderão chegar à Arábia Saudita. Um dos países com as maiores reservas de petróleo do mundo, cerca de 95% do produto explorado vai para abastecer o inchado e concorrente mercado europeu.

Os ocidentais têm mais medo de uma crise mundial do que com a carnificina provocada pelos ditadores das nações árabes. O xeque mate está no dinheiro, e os árabes do Oriente Médio ligados ao petróleo sempre foram bons nisso. Com o produto nas mãos e o mercado mundial em jogo, estes são amigos do Ocidente. Terroristas? Que nada, isso é assunto para palestino.

Com o intuito de reaproximar os dois lados de globo e de garantir um bom evento por conta do dinheiro público, o Catar se prepara para ser o primeiro país islâmico a receber um dos maiores eventos mundiais. Em 2022, o pequeno país do Golfo Pérsico e um dos maiores produtores de petróleo da região será a sede da Copa do Mundo Fifa de Futebol. É a chance de o mundo muçulmano mostrar que o mundo não é falado apenas com letras do alfabeto latino.

REFERÊNCIAS

Almanaque Abril 2010. Abril, 2010

ALLEN, Mark. Árabes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

DON, Belt. National Geographic Brasil – O mundo do Islã. Abril, 2001

GEERTZ, Clifford. Observando o Islã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2004
Horizonte Geográfico – a emoção de descobrir o mundo. São Paulo, AUDICROMO, 2001

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SACCO. Joe. Palestina: uma nação ocupada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000

VASCONCELOS, João Emerson Leite Vieira. Al Jazeera: como rompeu o monopólio das grandes redes e se tornou referência no Oriente Médio. Goiânia, 2009